

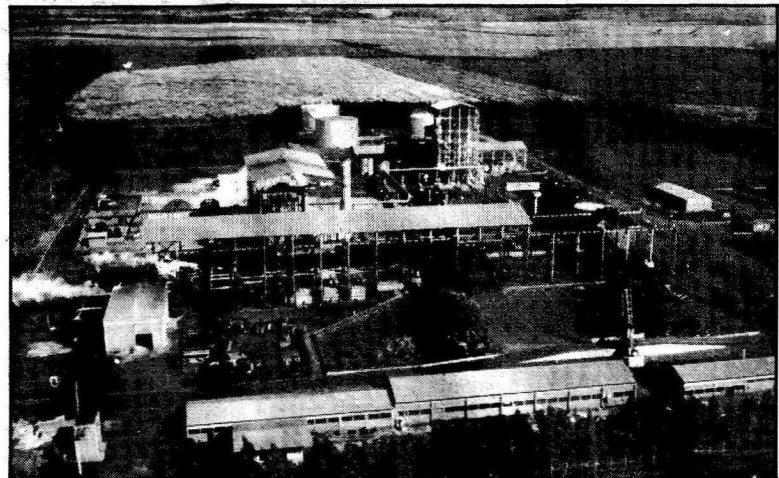
O álcool e a dívida externa

JOSÉ RESENDE PERES

A falta de inteligência levou nossos estadistas à preferência por investimentos em usinas atômicas, pela construção de rodovias na selva, ao invés de ferrovia eletrificada para levar os grãos do maravilhoso oeste do Paraná ao porto de Paranaguá. Endividaram o país perigosamente, tanto no exterior como no mercado interno onde o governo disputa os cruzeiros que iriam para a produção numa desesperada captação para adiar o caos financeiro por mais algumas semanas... "Em um ano o volume global da dívida pública interna deverá triplicar", afirmou o Sr. Ary Wadinton, Presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos. Isso segundo ele, "devido à utilização do "open market" como instrumento de política monetária que está provocando um exagerado aumento da velocidade de crescimento da dívida. A dívida pública interna da União é hoje Cr\$ 13,1 trilhões e, somente em junho, ela cresceu Cr\$ 1,2 trilhão, correspondente a 10% sobre o mês anterior. Nos últimos doze meses sua expansão foi de 161,1". (Folha de São Paulo, 3/8/83). Essa situação calamitosa (quando vamos estourar?) já está fazendo muitos investidores aplicarem em ouro e dólares, com medo de não receberem nem juros e nem capital...

Até hoje o governo vem desativando o setor que paga impostos, indústria, lavoura e comércio, criando o desemprego, mas ele próprio não demite, não se livra de centenas de milhares de funcionários da administração direta e das estatais. Ora, o melhor flagelado é a inflação, filha do déficit das contas federais. Aí não se faz nada. Ameaçaram os príncipes dos 17 salários, das aposentadorias escandalosas, mas tudo continuou no mesmo.

Paralelamente ao sacrifício da empresa privada, o Governo dificulta o aumento da produção de álcool, nossa grande arma para combater nossos grandes males: 1 —



Esta é a Destilaria M.B., do Grupo Biagi, na região de Sertãozinho, SP. Produz 180.000 litros/dia, com o bom rendimento de 78 litros por t de cana

Déficit na balança comercial, que aumenta a dívida; 2 — Crescimento calamitoso da dívida interna, mais lenha na caldeira da inflação; 3 — Desemprego, o grande drama nacional, filho legítimo da incompetência administrativa.

Todo o esforço da agricultura brasileira já não é suficiente para pagar os juros da dívida externa, cerca de US\$ 100 bilhões, em torno de US\$ 12 bilhões por ano.

Então qual seria o caminho correto: estimular ao máximo a produção de álcool. Isto significaria aumento da receita interna, aumento de emprego e redução na importação de petróleo que este ano, se houver financiadores, custará US\$ 7 bilhões. Nunca a salvação esteve tão perto, mas nunca os tecnoburocratas foram tão cegos. Há dias o ilustre Ministro da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, comunicou que em 1984 o Proálcool terá apenas US\$ 800 milhões e não US\$ 900 como este ano. Alegou S. Exa. que a redução de 22,2% nos recursos destinados a salvar este país que "a meta de produção do programa está cumprida em 90% para a programação de 10,7 bilhões de álcool em 1983". Ora, o que o Governo deve fazer é aumentar nossa produção de álcool até não precisarmos mais importar petróleo algum. O nosso petróleo seria destinado à produção de diesel para navios e locomotivas,

dragas e tratores pesados de esteira, e ainda iríamos produzir mais para países preocupados com a ecologia, como os EUA, que poderiam substituir com mistura de álcool anidro o chumbo usado hoje.

No ano passado o álcool já economizou cerca de US\$ 1,5 bilhão na importação de petróleo. Já poderia estar economizando muito mais, dando mais empregos e mais renda interna. Mas preferiram desestimular criando selos para o párambra, facilitando a produção de caminhonetes equipadas com motores diesel, quadruplicando a taxa de juros para o plantio de cana e instalação de destilarias, financiamento de tratores ou fertilizantes, etc. Na Alemanha, depois da Guerra, criam o Tribunal de Nuremberg para julgar crimes de guerra. Aqui vai ser necessário um tribunal, com "paredon" e tudo, para julgar os economistas que levaram à fome milhões de crianças. Quem sobrevoa São Paulo, Paraná ou Mato Grosso certamente não acreditará que um país com tudo para ser uma potência fosse atirado à miséria pelos que preferiram construir usinas desnecessárias, repartições públicas faraônicas, empresas estatais que passaram a ser cabides de empregos, aqui, e no exterior, com seus escritórios concorrente com o Itamaraty. O caos foi planejado. Semearam os ventos, vão colher a tempestade.